

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

“FUGIU AO ABAIXO ASSINADO NO FIM DO MÊS ÚLTIMO O SEU ESCRAVO”: UMA ANÁLISE DOS ANÚNCIOS DE FUGA NO NORTE OITOCENTISTA

Talyta Marjorie Lira Sousa Nepomuceno¹

Universidade Federal do Piauí

talytamarjorie@hotmail.com

Introdução

No dia 17 de março de 1869, foi publicado no jornal *A Imprensa*, da cidade de Teresina, capital da província do Piauí, um anúncio que destacava o seguinte: “No princípio de dezembro de 1868, fugiu da cidade de Caxias um escravo da viúva do Coronel João da Cruz, de nome Joaquim, conhecido por Hotija”. (ANÚNCIO, *A Imprensa*, Teresina, ano s.n, nº 190, 17 de mar. 1869, p.4). O cativo tinha a idade de 30 a 33 anos, espaldas largas, pernas finas e uma abertura entre os dois dentes da frente na parte superior. Pela descrição, há sinais de violência no corpo de Joaquim, que apresentava “uma cicatriz de facada um pouco acima do umbigo”, e fora “surrado nas nádegas”. O anúncio estampado nas páginas do periódico evidencia não apenas uma fuga, mas o cenário escravista brasileiro durante o século XIX, e uma fuga que ocorreu na província do Maranhão e teve os seus reflexos no Piauí.

Os jornais passaram a ser fonte de estudo para a historiografia da escravidão no Brasil a partir da década de 1930, quando Gilberto Freyre proferiu a conferência “O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império”, para a Sociedade Felipe d’Oliveira e a publicou na revista *Lanterna Verde*. Em 1963, Freyre publicou a obra *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, na qual a escravidão pode ser compreendida através dos anúncios de jornais referentes à fuga, venda e aluguel de escravos. A obra inovou ao utilizar essa fonte como forma de reconstruir o passado

¹ Doutoranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2019), mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2012), especialista na área de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí (2015), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (2009) e graduada em Bacharelado em Direito pelo Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba (2019).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

histórico, possibilitando-nos a estudar a descrição de indivíduos e seus aspectos antropológicos, culturais, marcas de violência e condições físicas.

Os avanços teóricos nos estudos da escravidão possibilitaram maior abertura para pesquisas sobre os escravos. Os trabalhos clássicos realizados por Luís Mott, Tânia M. Brandão, Miridan B. Knox Falci e Solimar Oliveira Lima comprovaram a existência do escravismo no Piauí. Os novos estudos sobre a escravidão no Piauí oferecem possibilidades para problemas e abordagens sobre reescravização, mulher negra, família e alforrias, abolicionismo. Na historiografia piauiense sobre a escravidão, os trabalhos produzidos sobre escravidão utilizaram os jornais apenas como fonte subsidiária, não proporcionando a tarefa de representar a sociedade.

Dessa forma, os jornais piauienses devem ser utilizados como fonte principal e objeto de pesquisa para o estudo da história da escravidão. As fontes hemerográficas são meio de expressão de ideias, nelas encontramos dados sobre a sociedade oitocentista, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas que envolvem a abolição da escravatura, contradições ideológicas e as visões de cada jornal sobre o trabalho escravo, discussões em torno da violência, os anúncios de venda, aluguel e fuga, que revelam o perfil dos escravos, o espaço geográfico das fugas e o cotidiano dessa população.

Nessa perspectiva, este trabalho propõe-se a analisar os anúncios de fugas de escravos extraídos dos jornais que circulavam no cotidiano dos brasileiros, como fonte e objeto de estudo da história da escravidão no século XIX. Esses anúncios são importantes como fontes primárias, pois são fragmentos carregados de significados, representações da sociedade piauiense oitocentista, que expõem uma descrição minuciosa de todos os sinais e marcas que possam identificar o cativo, os confrontos com o exercício de poder, o espaço físico e social de circulação, a vigilância e proteção desses escravos.

Em vista disso, analisamos os anúncios do jornal *A imprensa* (1865-1888), da província do Piauí, onde encontramos 50 anúncios comerciais (compra, venda e aluguel) e 39 de fugas de escravos; o jornal *Pedro II* (1840-1867), da província do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

Ceará, no qual examinamos 136 anúncios de compra, venda e aluguel, e 261 anúncios de fuga, e o jornal *O Caxiense* (1846-1852), da província do Maranhão, com 43 anúncios comerciais sobre escravos e 72 anúncios de fuga. No que diz respeito ao levantamento da documentação pertinente ao tema, recorreremos às fontes primárias existentes no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – NUJOC, da Universidade Federal do Piauí, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Arquivo Público do Piauí.

Verificamos, ainda, os anúncios de três periódicos de diferentes províncias, porque havia um rico universo social que envolvia as estratégias, o cotidiano e o circuito das fugas. Nesse jogo, conseguimos flagrar, nas descrições dos cativos, uma espacialização muito grande, visto que os anúncios de fuga vão demonstrar que o escravo se deslocava pela Vila de União, Barras, Oeiras, Campo Maior, e pelas províncias do Ceará, Maranhão e Pernambuco. Evidenciamos um espaço físico e social de circulação, proteção e estratégias de sobrevivência, como no caso do escravo fula Joaquim, descrito no início deste artigo, fugido da cidade de Caxias, na província do Maranhão, e teve seu anúncio publicado no jornal *A Imprensa*, em Teresina, capital da província do Piauí.

Assim, analisaremos os anúncios de fuga dos periódicos do século XIX, reconstruindo os aspectos da vida cotidiana oitocentista brasileira. Ensejamos que este trabalho ajude a preencher as lacunas da historiografia referente ao uso das fontes hemerográficas para o estudo da escravidão, contribua, enriqueça e excite o interesse de novos pesquisadores.

Os anúncios de fuga nos jornais *A Imprensa*, *Pedro II* e *o Caxiense*

Os jornais brasileiros do século XIX são fontes ricas para a investigação da nossa sociedade. Por meio de seus registros, é possível interpretar o cotidiano, as atividades comerciais, a concepção de comportamento e moralidade daquela época. Nesse sentido, é possível afirmar que os jornais são produtos do seu tempo, resultado de um ofício desempenhado, socialmente reconhecido, composto por posições e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

representações peculiares. As notícias e os fatos divulgados nos jornais durante o século XIX devem ser entendidos e recuperados não como situações “reais”, mas como representações, produzidas, difundidas e repercutidas de formas diversificadas. Para além da veiculação de notícias, os jornais são agentes vivos, ativos e essenciais na reconstrução da história (SCHWARCZ, 2017, p. 18-19).

Enquanto apresentavam espaços de denúncia dos males sociais e combates polêmicos (ARAÚJO, 2013, p. 12), os jornais traziam em suas páginas os anúncios vinculados a toda forma de transação econômica e à busca por cativos fugidos. Compreendemos essa contradição como produto oitocentista, como escolha ideológica de cada periódico, visto que a escravidão era uma instituição sociojurídica enraizada na sociedade (GOMES, 1996, p. 2).

Para Eduardo Silva, as fugas foram a unidade básica da resistência ao sistema escravista, pois eram produtoras diretas do abandono do trabalho, um rompimento das relações entre senhor e escravo, um desafio radical e ataque ao direito de propriedade. Nesse contexto, o autor apresenta duas categorias de fugas: as reivindicatórias, em que o escravo não pretendia um rompimento radical com o sistema, uma vez que houve uma quebra na relação e da negociação pelos mais variados motivos, a exemplo do cativo não aquiescer com os castigos impostos, “não necessariamente porque eram exagerados ou cruéis, mas [porque] achavam injusto” (GOMES, 1996, p. 3) e a evadir-se nos fins de semana para lazer, ou a separação de entes queridos por conta de uma venda inaceitável (REIS; SILVA, 1989, p. 3).

Nos jornais *A imprensa* e *Pedro II* não identificamos fugas caracterizadas como reivindicatórias. Em grande parte dos anúncios desses dois periódicos, os escravos levavam roupas, sapatos e instrumentos de trabalho, demonstrando que não pretendiam voltar ou restabelecer a relação com o mundo escravista. No jornal *O Caxiense*, encontramos alguns anúncios que indicam fugas reivindicatórias: “Luis Crioulo, 58 anos, estatura mediana, cabelo e barba brancos, tem estado muitas vezes fugido” (ANÚNCIO, 7 mar. 1846, p.4); “João Jacinto, alto, meio grosso, meio cambeta de uma perna” (ANÚNCIO, 21 mar. 1846, p.4); e o escravo Manoel, “nação congo, idade 40

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

anos pouco mais ou menos, altura mediana, seco, cabeça pequena, rosto comprido, bochechas fundas, bons dentes, negro quilombeiro em suas fugidas” (ANÚNCIO, 6 jun. 1847, p.4).

A segunda categoria de fuga era identificada como de rompimento, na qual o escravo, conhecedor das malhas finas do sistema, escapava para espaços onde não pudesse ser descoberto. As motivações eram as mais variadas, ou pelo uso excessivo da violência contra ele, ou para encontrar parentes, reorganizar famílias, buscar apadrinhamento como Manoel Cabinda, que procurou ocultar-se na cidade de Codó, sua antiga residência: “E de presumir que o dito escravo tenha procurado ocultar-se pelo Codó por ter sido ali sua antiga residência em poder de Luiz Gabellão Machado de quem foi havido”. (ANÚNCIO, 22 ago. 1846, p.4). Dessa forma, as fugas devem ser analisadas a partir do contexto da relação senhor e escravo, do espaço onde estão inseridas, não apenas como uma reação natural à violência do sistema escravista, mas como experiência única, vivenciada de forma diferente por cada cativo, e ocasionada por uma série de fatores ligados à vontade e escolha do próprio escravo (DOMINGUES, 2011, p. 6-7).

Na compreensão de Chalhoub, as relações entre senhores e escravos na sociedade oitocentista convergiam em torno de três eixos: o doméstico, que envolvia as perspectivas de acesso à alforria, os arranjos familiares e comunitários das senzalas, e a sujeição por meio do castigo físico; o eixo das práticas concernentes à compra e venda, as formas de introdução no mercado, e a influência que o cativo poderia exercer sobre esse acordo; bem como na relação entre as prerrogativas senhoriais e a atuação do Estado. Sobre esses eixos havia negociações e conflitos que apresentavam a ideia de inviolabilidade da vontade senhorial e realçavam que sobre essa vontade existia resistência (CHALHOUB, 2012, p. 55).

Os anúncios de fuga possuíam uma composição simples e semelhante: uma descrição das características físicas, algumas vezes, comportamentais, do escravizado, e o oferecimento de uma gratificação a quem encontrasse o “fujão” (FERREIRA, 2010, p. 68). Podemos dividir os anúncios em partes diferentes: a primeira parte evidencia a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

comunicação da fuga do escravo, em que se diz de onde ele fugiu, quando e de quem fugiu; a segunda apresenta a descrição ou perfil do escravo e, a terceira, o anunciante faz uma promessa de gratificação e a quem o escravo deve ser entregue. No anúncio que se segue, observamos essa sequência por meio da fuga anunciada no jornal *Pedro II*.

Em dias do corrente mês de março, fugiu ao abaixo assinado um seu escravo de nome Domingos, crioulo, oficial de pedreiro, de idade de 21 anos, de boa estatura, pouco fornido de corpo, sem barba, pouco enroupado, e tem sinais de castigo pelo corpo, cabelo tirando a cor de fogo, tem um golpe sobre a sobrancelha do lado esquerdo e consta com certeza ter acompanhado o cigano Francisco Costa que a poucos dias atravessou para o Piauí entre S. Mamede e Corralinho da Parnaíba.

Quem o pegar e entregar nesta cidade ao seu senhor, na do Maranhão ao Sr. Manoel Pereira Guimarães Caldas, no Ceará ao Sr. Joaquim da Cunha Freire e em Pernambuco ao Sr. José Batista da Fonseca Júnior, será bem recompensado do seu trabalho.

Caxias 21 de março de 1853. Sergio José Vianna.
(ANÚNCIO, 4 jun. 1853, p.4)

Conforme a descrição publicada no jornal *Pedro II*, da cidade de Fortaleza, o escravo Domingos fugiu de Caxias e cruzou a fronteira do Piauí na companhia do cigano Francisco Costa. Como se pode verificar, o referido anúncio apresenta o jogo de relações, o universo social que envolve o circuito das fugas entre as províncias analisadas, desperta o interesse da sociedade para o controle e a vigilância, e chama a atenção das pessoas que se dedicavam à tarefa de procurar escravos tendo em vista a promessa de gratificação e/ou recompensa.

Segundo Machado de Assis, no conto “Pai contra Mãe”, escrito em 1906 e publicado no livro *Relíquias da Casa Velha*, a apreensão dos escravos era função da sociedade oitocentista, por isso “pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não será nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras” (ASSIS, 1997, p. 250).

O público-alvo dos anúncios era toda a sociedade, em razão da vigilância sobre os cativos e pessoas dedicadas à tarefa de captura deles. Todo esse aparato era necessário para assegurar a ordem e manter uma dominação senhorial. O exercício da vigilância era uma prática cotidiana, reforçado por uma rede de apoio e relações pessoais que reconheciam e reafirmavam o domínio senhorial (LARA, 1988, p. 244).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Com efeito, o poder era exercido sobre o corpo do escravo, havendo uma vigilância perpétua e constante sobre os indivíduos (FOUCAULT, 2015, p.181).

No conto de Machado de Assis, o personagem Cândido das Neves tinha como ofício capturar negros fugidos. Após perder o trabalho de entalhador e abrir mão de muitos outros, Cândido descobriu no apressamento de escravos um novo encanto. O personagem lia o anúncio, copiava e saía fazendo pesquisas, além disso, esta atividade “não o obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda” (ASSIS, 1997, p. 253).

O autor nos apresenta a escravidão como instituição social, política e econômica na sociedade carioca de 1850, mas as vivências de Cândido Neves e da crioula fugida Arminda não ficavam restritas à obra literária. Esse aspecto da sociedade oitocentista pode ser evidenciado por meio dos passaportes expedidos pelos chefes de polícia das províncias, para aqueles que se dedicavam à tarefa de apreender fujões, como Antonio Paz Cabral, natural do Piauí, que pediu passaporte para deslocar-se para a província do Maranhão, de modo a capturar e conduzir de volta a escrava Simplicia, “de 25 a 26 anos, estatura baixa, rosto redondo, cabelos cacheados, olhos castanhos, nariz regular, cor mulata escura, que fugiu da casa do seu proprietário Manoel Januario da Silva, na companhia do caboclo de nome Manoel” e, segundo as buscas, estava refugiada na Província do Maranhão (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ, 1875), e Daniel da Silva Correia, natural da Província do Ceará, para ir a qualquer parte do Império, com o objetivo de capturar o escravo Lino, pertencente ao Coronel João da Cunha Alcanfor (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ, 1875). Os passaportes corroboram a existência de um circuito de fugas, uma rede de vigilância e apreensão.

Mesmo implícito, o contexto social pode ser percebido através dos anúncios dos jornais, pois recapturar o cativo não estava ligado somente à lógica econômica, mas também à lógica social, do domínio que o senhor exercia sobre o corpo do escravo anunciado. Os anúncios revelam o direito de propriedade dos senhores sobre seus escravizados, apontando as características físicas do cativo fugido, com a intenção de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

que este pudesse ser devolvido ao seu dono, coordenando o seu desejo em recuperar a propriedade com o desejo do apresador de receber a recompensa oferecida (ALVES, 2011, p. 8).

Dessa maneira, a fuga e apreensão são parte de uma realidade comum em uma sociedade balizada nas relações escravistas. O anúncio era um instrumento que facilitava a localização do cativo por toda a sociedade, sua identificação e apreensão (MANEIRA, 2014, p. 37). Ao anunciar um escravo fugido em periódicos de diferentes províncias, o proprietário ou anunciantes ampliava sua possibilidade de captura.

Pelos dados analisados, vimos que a quantidade de anúncios do Piauí era menor do que das outras províncias. Isso ocorreu devido à diferença populacional em relação ao número de escravos desta província e pelos anúncios serem da segunda metade do século XIX, muito mais ligados ao comércio de escravos por conta do fim do tráfico atlântico e aumento do tráfico interprovincial, do que às fugas².

Após a Lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico negreiro e prescrevia punições mais rigorosas para quem dele participasse, o tráfico interno intensificou-se, em especial na transferência de cativos das regiões nordestinas para as plantações de café do sudeste brasileiro (CONRAD, 1985, p. 134). Durante a década de 1870, muitos negociantes e políticos dedicaram-se à captura e venda de escravizados, e a província do Piauí passou a ser um ponto de apoio para o tráfico interprovincial (SILVA, 2008, p. 44), por isso, a quantidade de anúncios comerciais sobre escravos é maior que os de fuga.

A fuga provocava a escrita do anúncio, um ato simbólico que produzia efeitos e sentidos ao ser detalhada dentro da seção de anúncios do jornal. Mesmo que a descrição fosse a voz do dono, a narrativa ganhava corpo, configurando o escravo fugitivo como sujeito histórico.

Os escravos eram representados por meio de suas marcas, fossem elas étnicas, de doença ou de castigo. As marcas étnicas foram as que menos conseguimos visualizar,

² O Recenseamento Geral do Império de 1872 mostrou que a província do Ceará apresentava uma população total de 728.986, com 689.773 pessoas livres e 31.913 sujeitos escravizados. A população geral da província do Maranhão era de 359.040, sendo 284.101 livres e 74.939 cativos. Em toda a província do Piauí, havia 202.222 pessoas, das quais 178.427 eram livres e 23.795, escravizadas. (BRASIL, 1872)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

em sua maioria era ter “dentes limados” como o mulato Manoel, remetido por Manoel José d’Albuquerque a Recife, idade 25 a 30 anos, altura regular, peito largo, rosto descarnado, pernas finas, com algumas cicatrizes pelas canelas, a mão direita que não abre por [ter] dois dedos aleijados e dentes limados (ANÚNCIO, 6 jul. 1850, p.4), e Serafim, aproximadamente, 22 anos, crioulo bem retinto, estatura regular, espigado, rosto comprido, pouca barba, dentes limados, e oficial de alfaiataria (ANÚNCIO, 17 nov. 1852, p.4). As marcas étnicas mais específicas foram descritas na cativa Rufina, com sinal no peito de nação Angola (ANÚNCIO, 4 ago. 1849, p.4), e em Selvano, com uma estrela da nação Moçambique, consoante a citação a seguir:

O Abaixo assinado fugiu-lhe e no mês de maio de 1835, um escravo de nome Selvano de nação Moçambique de idade de quarenta anos pouco mais ou menos com os seguintes: boa estatura, rosto redondo, tem no meio da testa uma estrela (daviza da nação), fala fina e sumida e pouco inteligível, pouca barba, olhos pretos, boca regular, tem um dos braços uma cicatriz sucede da andado no mato atrás de um tatu, mãos e pés pequenos.

O anunciante, comprou o dito escravo a um tal João Manuel, residente no Piauí e no poder do dito escravo, esteve fugido 5 anos e no fundo quais foi capturado no lugar barro vermelho fazenda do Sr. Lino de Barros, termo da vila de Pastos Bons e na dita fazenda, esteve amancebado com uma escrava do dito fazendeiro, e na dita escrava teve quatro filhos. A vista do exposto o anunciante promete a quem capturar o dito escravo, a gratificação de 50\$000

Caxias, 6 de junho de 1847

Joze Antonio da Costa (ANÚNCIO, 6 jun. 1847, p.4)

Aqui cabe uma reflexão: a data do anúncio, 6 de junho de 1847, foi doze anos depois de Selvano ter fugido da cidade de Caxias, no Maranhão. O que levou o anunciante a divulgar uma fuga depois de tanto tempo, uma vez que o cativo já não tinha mais idade produtiva, pois, caso fosse capturado, teria por volta de 52 anos de idade? A discrepância entre o período da data da fuga e a publicação do anúncio aponta para a prática de fugas reiteradas, que alguns senhores “acostumavam-se” com as constantes fugas, esperavam um prazo para buscar e capturar o cativo, contando com o retorno do escravo por vontade própria. Caso isso não ocorresse, buscavam o auxílio da sociedade por meio da publicação do anúncio (MANEIRA, 2014, p. 43).

Muitas fugas eram repetitivas e o escravo estava acostumado a evadir-se. O anunciante Manoel Serqueira Ribeiro, de Caxias, ainda esperava encontrar Luiz Criollo,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

“de idade 58 anos, estatura mediana, cabelo e barba já bastante brancos, muito falador, arteiro em seu disfarce, tem estado muitas vezes fugido, então se intitula forro e usa do nome de Justino Jozé de Moraes, tem andado embarcado na Costa do Brasil umas vezes, e outras nos perizes d’Alcantara e Pará, como pescador” (ANÚNCIO, 7 mar. 1846, p.4). O cabra Manoel poderia estar na fazenda Algodão ou Guaribas, perto da Colônia São Pedro, por ser bom vaqueiro, estava fugido há dois anos (ANÚNCIO, 28 mar. 1855, p.4).

Dentre as descrições das marcas étnicas e de nação, o jornal *O Caxiense* foi o periódico que mais apresentou escravos fugidos que possuíam alguma nação: Manoel, da nação Congo; Selvano, de Moçambique; Francisco Benguela, Maria Thereza, da nação Angico; e Rufina, de Angola. No jornal *Pedro II*, identificamos apenas João, da nação Angola, e no periódico *A imprensa* não encontramos nenhum escravo africano. Essa diferenciação na quantidade de cativos descritos nos periódicos do Maranhão e Piauí, que tinham alguma nacionalidade, está ligada à localização geográfica do Piauí que, no período colonial, importava escravos de três eixos diferentes: o da passagem leste para oeste existia uma rede de mercadores de escravos partindo da Bahia e de Pernambuco, rumo ao sul do Maranhão; outra corrente, que ia de oeste para leste, saídos de São Luís e se estabelecendo no Piauí; e o eixo do litoral, favorecido pelo contrabando (FALCI, 1999, p. 37).

No que diz respeito à descrição das doenças e defeitos físicos, observamos escravos meio cambetas de uma perna, cambotas, com dedos polegares de ambos os pés tortos para o interior dos pés, “rendidos” de uma das virilhas, com a mão direita que não abre bem, por ter dois dedos aleijados, com o andar um tanto acorcovado, com uma ferida ou feridas na curva do braço direito, que os impediam de utilizá-lo, com os dedos dos pés muito maltratados, principalmente os mínimos, com cissura de panarício no dedo polegar de uma das mãos, e apresentando no lado esquerdo do queixo inferior um sinal fundo por um estalecido. Muitas vezes, essas doenças eram resultantes das condições de vida, má alimentação, moradia em ambientes insalubres, úmidos e com pouco ou nenhum sol, vestimentas inadequadas. (VIANA, 2016, p. 134).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

Os excessos de trabalho também deixavam marcas ou deformações profundas, e se tornavam traços identificadores (FREYRE, 2010, p. 107-108). Conforme a citação a seguir, o escravo Izidoro tinha uma deficiência física: “aleijado do braço direito [...] seco e completamente paralítico desde criança”, e um possível transtorno: “de vez em quando dos olhos que se tornam piscos”.

Fugiu de casa de seu Senhor no dia 28 janeiro de 1866 o escravo Izidoro com 20 anos de idade, cor cabra da pele vermelha, aleijado do braço direito, pois o tem pequenino, seco e completamente paralítico desde criança, sem barba alguma, estatura regular, boa dentadura, conversa desenvolvida, sofrendo de vez em quando dos olhos que se tornam piscos, e é filho de Anastácia preta alforriada que reside na cidade de Teresina.

Roga-se a todas as autoridades a captura desse escravo, e a pessoa que o capturar e levar à casa de seu senhor abaixo assinado em sua fazenda Ininga do termo da União, será bem recompensado.

Antonio José de Sampaio (ANÚNCIO, 28 mar. 1866, p.4)

O escravo Izidoro poderia sofrer do que conhecemos como Síndrome de Tourette, uma doença comum na presença de ansiedade e tem como um dos sintomas o aparecimento de tiques como a piscada de olhos. Podemos inferir sobre a doença de Izidoro, mas não podemos confirmar um diagnóstico, pois as informações dos anúncios eram repassadas pelos senhores e utilizadas para identificar e tornar possível a captura dos cativos fugidos.

Nos anúncios de fuga dos jornais, os escravos são descritos pelos sinais de castigos que sofriam, demonstrando o rigor da escravidão e os aspectos íntimos da sociedade escravocrata piauiense. Os corpos eram marcados como exemplo para um cativo submisso e disciplinado, apontando a sua condição de escravo, um corpo suplicado e exposto ao espetáculo e alvo da repressão social. O castigo físico servia para dominar e disciplinar o corpo do outro (FOUCAULT, 2009, p. 13): “Tem alguns sinais de relho pelo corpo, e muito castigado nas nádegas”, “tendo os lagartos dos braços assinalados de cordas por ter sido amarrado por vezes”.

Nos anúncios de fuga dos jornais *A imprensa*, *Pedro II* e *O Caxiense*, analisamos as habilidades profissionais dos escravos. Da vila de Itapecuru, em 1846, fugiu um escravo de Manoel Pinto Ferreira Vianna, chamado Roque, “crioulo retinto, alto, sem barba, bonito, espadaúdo, cintura fina, boa dentadura, nariz um tanto chato, fala

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

desembaraçado, trabalha de alfaiate” (ANÚNCIO, 11 maio 1846, p.4). Manoel Fernandes Alves de Araújo anunciou a fuga de Sebastião, um mulato trigueiro de aproximadamente 21 anos, informando que o escravo tinha por ofício ser fábrica de uma fazenda de gados (ANÚNCIO, 20 jan. 1866, p.4)). Benedito, escravo bem preto, capaz de iludir qualquer pessoa, seguiu para o sertão e era pedreiro (ANÚNCIO, 1 fev. 1851, p.4).

Os maiores índices de fuga registrados no jornal *Pedro II* da província do Ceará são de escravos que possuíam alguma especialização como pedreiro, carpinteiro, ferreiro, alfaiate. Nos jornais do Piauí e do Maranhão, as habilidades profissionais estavam ligadas à agricultura e pecuária, atividades predominantes nestas províncias. A especialização da profissão era uma estratégia para permanecer oculto, não ser capturado e manter a alimentação, moradia, vestuário (GOMES, 1996, p. 13).

A insistência na afirmação de que os escravos eram seduzidos para fugir demonstra a garantia do poder de “dono”, “proprietário” sobre o corpo escravizado (JESUS, 2016, p. 8), que o senhor reivindicava a utilização de seus cativos por terceiros, e a quem eram destinados os anúncios: aos senhores, à sociedade e a quem poderia acoitar os escravos. O anunciante a seguir desconfiava que a escrava Rufina teria sido acoitada, por isso, protestava com todo rigor da lei contra quem o tivesse seduzido.

ATENÇÃO

ES CRAVA FUGIDA

No dia 18 do mês passado, fugiu de casa do senhor Antonio Bernardino Gonçalves de Sá desta cidade, uma negra chamada Rufina, estatura pequena, magra, e com três meses de pejada com um sinal no peito de nação Angola, cuja negra tinha sido do senhor Domingos, bem casado e depois foi do senhor Noberto José de Castro e Silva, carnicheiro desta cidade, o anunciante protesta CONTRA QUEM A TIVER OCULTA e promete dar a quem lhe trouxer em casa de sua residência uma boa gratificação.

Caxias, 3 de agosto de 1849 (ANÚNCIO, 4 ago. 1849, p.4)

Vale ressaltar que a escrava Rufina não era uma criminosa, não podia ser julgada e condenada por ocultar-se do seu senhor. No período colonial brasileiro, o alvará de nº. 1741 instituiu uma marca corporal aos fugitivos capturados em quilombos, mas sem a previsão para os casos de reincidência, e as Ordenações Filipinas reconheciam a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

existência de uma rede de auxílio aos fugitivos e a condenação aos couteiros, sem mencionar a condenação de cativos “fujões” (LARA, 1988, p. 495-496).

Nesse caso, o anunciante utilizou o jornal como uma forma de lembrar a coerção, os rigores e as punições da lei contra os couteiros (FERREIRA, 2010, p. 70). O proprietário proferiu ameaças, provavelmente desconfiava de quem havia levado o cativo e, caso este fosse devolvido, seria punido por crime de insurreição, previsto no artigo 115 do Código Criminal: “Ajudar, excitar, ou aconselhar escravos a insurgir-se, fornecendo-lhes armas, munições, ou outros meios para o mesmo fim” (BRASIL, 1830).

Em diversas situações, os escravos trocavam de nome para dificultar a prisão e ação de capturadores. Nos anúncios do jornal *A Imprensa*, não encontramos nenhuma descrição de cativos que utilizaram essa estratégia, em comparação às publicações do Maranhão e Ceará. Na cidade de Caxias, encontramos Luiz Criollo, fugido diversas vezes, se intitulava como forro, usando o nome de Justino Jozé de Moraes (ANÚNCIO, 7 mar. 1846, p.4). João Jacinto, quando fugia, costumava mudar de nome para Pai Francisco (ANÚNCIO, 21 mar. 1846, p.4), e o escravo Roque, já citado anteriormente, que andava, a título de forro, com o suposto nome de José Antonio (ANÚNCIO, 11 maio 1846, p.4). De Sobral, fugiu o escravo Manuel, cujo nome verdadeiro era Francisco (ANÚNCIO, 23 fev. 1850, p.4), que se evadiu do poder do senhor Luis José de Araujo, em Pernambuco, e provavelmente mudou de nome, assim como Manoel e Ismênia, que fugiram no dia 10 de junho de 1850, da fazenda do senhor José Saporiti (ANÚNCIO, 1 jul. 1850, p.4). Um dado importante exposto por muitos anunciantes era a informação da posse de roupa. Levar as vestimentas no ato de fuga era um indício de que o escravo tinha a intenção de manter-se foragido por mais tempo (DOMINGUES 2011, p. 76). O *corpus* documental apontou para a estratégia de que os escravos levavam roupas e sapatos com o objetivo de despistar e passar-se por livres (GOMES, 1996, p. 6).

Alguns cativos procuravam recuperar alianças, por isso, buscavam padrinhos ou o antigo senhor. O anunciante do escravo Manoel acreditava que este teria se deslocado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

para Aquiraz, lugar Murará, onde moravam seus antigos senhores ou para a fazenda de Luiz Rodrigues Samico, onde estava sua mãe: “Manoel (...) levou calça e camisa de riscadinho americano, desconfia-se que tenha ido para Aquiraz lugar Murará onde moram seus antigos senhores ou para a fazenda do Sr. Luiz Rodrigues Samico aonde tem mãe”. Os escravos fugidos utilizavam-se da estratégia do apadrinhamento, geralmente alguém poderoso e influente, ou o seu antigo proprietário, tanto para permanecer fugido (fuga rompimento), quanto para o “padrinho” interceder junto a seus proprietários, na busca de diminuir os castigos físicos, caso fossem apreendidos ou voltassem por vontade própria (fuga reivindicatória) (DOMINGUES, 2011, p. 66).

A fuga de Manoel indica a predominância das fugas individuais sobre as coletivas. O ato de fugir era um ato individual, pois registramos uma maioria significativa de anúncios de apenas um escravo evadindo-se do poder senhorial. Não obstante, registramos fugas coletivas como de Maria Thereza, “nação Angico, idade 40 e tantos anos, seca do corpo, cara lanhada, e sua filha Rita, baixa, grossa do corpo, 18 anos, tem algumas manchas de pano pelo rosto, que fugiram em 15 de agosto de 1846 do senhor Joaquim Antonio Machado” (ANÚNCIO, 19 jul. 1846, p.4); “quatro escravos fugiram da cidade de Recife, dois foram recuperados, mas os outros dois acham-se ainda ausentes. O preto José, de alta estatura, idade mais de 30 anos, com falta de olho esquerdo, cor bastante negra; Jorge, cor fula, alto, também de boa figura, idade de 25 a 30 anos, com um pequeno talho em um dos cantos da boca. Estes escravos são crioulos e filhos do sertão, foram inicialmente para Pajeú de Flores, de onde José era natural, dizendo que ia ver os parentes e depois provavelmente seguiriam para Sobral, às Catingas de Piauí de onde Jorge era natural” (ANÚNCIO, 10 fev. 1855, p.4).

Considerações finais

Hoje, há uma multiplicidade de trabalhos e um número crescente de teses e dissertações que utilizam os jornais como fonte e objeto de pesquisa. Devemos ter cuidado quanto aos usos e abusos, em não dispor dos jornais de maneira indiscriminada,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

sem metodologia e sem aprofundamento teórico (BORGES; JANOTTI, 1999, p. 163). Segundo Cláudio Pereira Elmir, a consulta a um periódico deve ser feita obedecendo a uma criteriosa análise, exigindo do pesquisador a leitura diversa da realizada no jornal do dia a dia, sempre que possível, contrapondo o jornal a outras fontes, e “nos despiando de resultados pré-concebidos que tendenciam à leitura do documento” (ELMIR, 1995, p. 22).

Em tese, os anúncios de fuga são amostragens e seus resultados não devem ser vistos como absolutos, além de serem “elaborados a partir da convivência que o senhor tivera com o escravo antes da fuga” e da concepção acerca da escravidão dentro dessa sociedade. (AMANTINO, 2007, p. 1.380). O tema em tela também nos proporciona discutir o papel do escravo como agente histórico. As representações sobre os escravos não só dão voz ao dono, mas significam a ação do cativo diante da sociedade. Desse modo, os anúncios de fuga são as reações dos escravos diante das circunstâncias de exploração às quais estavam submetidos, são realidades em poucas frases e gestos (FOUCAULT, 2006, p. 206).

Ademais, os anúncios são construções discursivas legitimadas por uma dada realidade conectada às intenções, aos interesses dos sujeitos históricos que escrevem os jornais, são representações forjadas, sem qualquer neutralidade, pois “produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas, condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17). Assim, os anúncios são construídos nas atividades dos grupos sociais, que envolvem suas práticas e estratégias, onde podemos compreender como são produzidos e adquirem sentido histórico.

Nos anúncios, os escravos aparecem fugindo, reagindo, se articulando, vivos e movimentando-se (FERRARI, 2004, p. 68). A fuga do escravo se constitui numa forma de resistência contra o sistema escravista. A privação da liberdade, o trabalho forçado, os duros castigos, o anseio de ficar próximo às suas famílias, são alguns dos motivos que levavam os escravos a fugir.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

Dessa forma, a fuga é uma das formas de os escravos se constituírem enquanto sujeito ativo dentro da sociedade oitocentista, movimentando-se em espaços controlados, delimitados e disciplinados. Nesse sentido, fugir é ressignificar espaços, é um confronto com o exercício de poder sobre si, por parte do escravizado, e a perda do exercício de poder sobre o outro, por parte do dono. As fugas dos escravizados podem ser entendidas como resistência que desloca uma forma específica de poder através de um exercício da liberdade (FERRARI, 2004, p. 69).

Sendo assim, não podemos expressar que apenas uma causa prevaleça como responsável pela fuga de escravizados. Cada fuga era peculiar, individual ou coletiva, cada fugitivo levava consigo uma expectativa de liberdade. Desse modo, os escravizados desfaziam a dominação cotidiana por intermédio de pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal e autonomia cultural (REIS; SILVA, 1989, p. 44).

REFERÊNCIAS

ALVES, Shirlei Marly. Fuga de negros em anúncios de jornal do século XVIII – O gênero configurando uma ação social. *Revista Desenredos*, ano III, nº 9, 2011, p. 1-11.

AMANTINO, Marcia. As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. *Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, out./dez. 2007, p. 1377-1399.

ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. Mestrado em História do Brasil, Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, 2013.

ASSIS, Machado. Pai contra mãe. In: *Os melhores contos de Machado de Assis*. Seleção de Domício Proença Filho. 12 ed. São Paulo: Global, 1997.

BORGES, Vavy Pacheco; JANOTTI, Maria de Lourdes; MARSON, Izabel. A esfera da história política na produção acadêmica sobre São Paulo (1985-1994). In: FERREIRA, Antônio Celso (org). *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: UNESP/Fapesp/Anpuh, 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

BIBLIOTECA NACIONAL. Coleção das Leis do Império do Brasil. Lei Eusébio de Queiroz, nº 581, de 4 de setembro de 1850, Tomo II, parte I, pp. 203-205. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1852.

BRASIL. Código Criminal, 1830. *Coleção das Leis do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.

BRASIL. *Recenseamento Geral do Império*. Typ. G. Leuzinger, 1872.

CHALHOUB, Sidney. População e Sociedade. In: CARVALHO, José Murilo de (Org). *A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONRAD, Robert. *Tumbeiros: o tráfico escravista para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DOMINGUES, Carlos Vinícius Schettini da Silva. *Desafiando o cativo: fuga de escravos no Rio de Janeiro joanino (1808 – 1821)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, 1995, p.19-29.

FALCI, Miridan Brito Knox. *Escravos do sertão: demografia, trabalho e relações sociais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1999

FERRARI, Ana Josefina. Fuga e Resistência: O caso das fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1880 . In: *Seminário Internacional Michel Foucault*, 2004, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Perspectiva, 2004, n.p.

FERREIRA, Heloisa Souza. Dando voz aos anúncios: os escravos nos registros de jornais capixabas (1849-1888). *Temporalidades – Revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, v. 2, n. 2, ago./dez. 2010, p.67-75.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

18

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos. Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, p. 67-93, 1996.

JESUS, Antonio Marcos Cardoso de. O corpo escravo: suas condições físicas e de saúde nos anúncios de fuga do jornal A Matutina Meiapontense (1830-1833). In: *Congresso Internacional de História: Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas*, 2016, Goiás. Anais [...], Jataí-GO, 2016, 1-17.

LARA, Silvia Hunold. *Campos da Violência*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MANEIRA, Regiane. Anúncios de escravos no jornal O Dezenove de Dezembro (Curitiba – 1854) e suas possibilidades de pesquisa. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*, v. 5, n. 2, Mai-Ago, 2014. pp. 36-49.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque na rua dos negros: cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VIANA, Iamara da Silva. Doenças de escravizados em Vassouras, 1840-1880: principais causas mortis e suas implicações. In: *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016, p. 130-149.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**